



A Fazenda Alba

ROMANO DAZZI

Volume 2

EDIÇÃO DO AUTOR

ROMANO DAZZI

A FAZENDA ALBA
Volume 2

Edição do Autor
São Paulo - 2020

Copyright © by Romano Dazzi

Todos os direitos reservados para essa edição. Proibida a tradução, versão ou reprodução por qualquer meio, mesmo que parcial, por quaisquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem permissão por escrito do autor.

1ª edição - janeiro de 2020

Para entrar em contato com o autor:

romano-dazzi@uol.com.br

Editoração: Escritório Editorial Frôntis

www.frontis.com.br

ISBN 978-859222675-6



9

788592

226756

CONTEÚDO

Capítulo um	
Aguardando a chegada	9
Capítulo dois	
O reencontro.	12
Capítulo três	
Após a longa viagem, a Fazenda	15
Capítulo quatro	
Primeiros passos.	18
Capítulo cinco	
Um pequeno mal-estar	21
Capítulo seis	
Dúvidas e fiscais	24
Capítulo sete	
Adaptações	27
Capítulo oito	
Momento de decisão	29
Capítulo nove	
Ares de novidades.	31
Capítulo dez	
Um pouco de história	33
Capítulo onze	
Confrontações	35
Capítulo doze	
Desfecho inesperado	37

Capítulo treze	
Trajetórias incertas	40
Capítulo quatorze	
Ciúme, vaidade e muito mais...	45
Capítulo quinze	
Um fósforo no palheiro	48
Capítulo dezesseis	
Uma cilada do destino?	51
Capítulo dezessete	
Difícil esquecer	53
Capítulo dezoito	
Chuva	57
Capítulo dezenove	
A Providência colabora	59
Capítulo vinte	
Vida nova	61
Capítulo vinte e um	
Sensações	63
Capítulo vinte e dois	
Um momento para meditar	65
Capítulo vinte e três	
Situação complicada	67
Capítulo vinte e quatro	
Mais ameaças	70
Capítulo vinte e cinco	
Preocupações	72
Capítulo vinte e seis	
Explicações	75
Capítulo vinte e sete	
Consequências.	77

Capítulo vinte e oito	
Amores e mais confusões	79
Capítulo vinte e nove	
Análise da solidão	81
Capítulo trinta	
Festa de aniversário	84
Capítulo trinta e um	
A Companhia	87
Capítulo trinta e dois	
Existe um plano	89
Capítulo trinta e três	
A defesa	92
Capítulo trinta e quatro	
Intermezzo.	94
Capítulo trinta e cinco	
A vida segue seu caminho.	96

CAPÍTULO UM

AGUARDANDO A CHEGADA

Olá, bem-vindo, amigo!

Sou eu de novo, Clarissa de Castro e Silva, voltando três anos depois de encerrado um longo capítulo de minha vida.

Como você lembrará, sou herdeira, com minha irmã, Amélia, da Fazenda Alba, uma propriedade outrora rica, mas que, quando meu pai faleceu, estava em completa ruína.

Eu queria liquidar este problema e virar as costas, mas Amélia tanto insistiu que acabei aceitando o desafio de recuperá-la. Com a ajuda de todos, usando coragem, firmeza e paciência, conseguimos.

Estou no aeroporto de Guarulhos, esperando o momento de abraçar meu filho Rodrigo, que volta de Paris.

Finalmente esta longa e aflitiva demora chega aos instantes finais.

São seis da manhã, o céu mostra as primeiras cores, tímidas e preguiçosas, que preparam a chegada do Sol.

Logo ele vai irromper pela porta do Leste, dourando o céu adormecido e dando início a um novo dia.

Aprendi, a duras penas, que é importante esperar com fé a chegada do amanhã, porque faz parte dos presentes e das surpresas, boas ou más, que nos são reservadas.

Aceitar as condições que a vida nos impõe prepara-nos para o pior – e para o melhor – que nos poderá acontecer; e nos permite dar o máximo, não como guerreiros valentes, mas como construtores teimosos de algo melhor. Para nós, para os outros, para o mundo.

Desde ontem à tarde eu, Amélia e seu marido Attilio estamos em São Paulo, aguardando o momento mágico em que Rodrigo vai aparecer, com seus olhos claros, o sorriso cativante, o tamanho descomunal: um metro e oitenta e cinco de músculos elásticos e formas harmoniosas.

Qual mãe, qual tia não ficaria orgulhosa e encantada por um rebento desses?

Custo para alinhar os pensamentos e refrear as emoções neste momento.

– *Terminei meu curso de especialização em mineralogia na semana passada* – escrevera ele, orgulhoso, apenas seis meses atrás – *e me formei com louvor na escola de Humanités. Sou engenheiro diplomado, agora e – acredite, Mãe! – duas firmas já me ofereceram emprego aqui mesmo, ao norte de Paris!*

– *Filho, estou feliz, muito feliz por você* – eu tinha respondido – *mas estou com uma saudade imensa – estou ficando velha, sabe, e não tenho mais o pique de antigamente. Preciso que você passe um pouco de tempo comigo, conosco – Tia Amélia também adoraria retomar os velhos papos que costumavam ter. Você não conseguiria passar umas férias merecidas aqui na Fazenda?*

Várias outras cartas foram e vieram, em ritmo acelerado; e por fim chegou a notícia que pôs em polvorosa a Fazenda inteira. Rodrigo vem! Rodrigo chega em outubro! Rodrigo vai ficar conosco por um tempo!

Agora o dia chegou; desejado, por diversos motivos e temido, por tantos outros, como acontece com todas as coisas importantes, que podem significar uma guinada na vida nossa e naquela dos que nos cercam.

Eu tento reavaliar, nestes longos minutos de espera, a minha decisão mais remota e mais importante: embora amasse imensamente meu único filho, decidi afastá-lo deliberadamente; primeiro, de uma convivência complicada com o Avô – don Antônio de Castro e Silva, homem difícil, mandão, teimoso; depois, do clima tenso em que se debatia, naqueles anos, a

Fazenda – um ambiente sombrio, feito de dúvidas e de incertezas, inapropriado para aquele menino alegre e esfuziante, que tanto me lembrava o pai dele, o inesquecível Carlos.

E talvez houvesse uma outra componente importante, egoísta e nunca confessada, nesse conjunto de razões – ou de pretextos: Eu queria me dedicar por inteiro à profissão, manter estáveis minhas modestas entradas (um filho estudando no exterior não é barato) alcançar um equilíbrio financeiro não sujeito a algum eventual acidente de percurso com a propriedade. A presença daquele pirralho, amadíssimo, mas incômodo, limitaria meus passos, tolheria minha liberdade.

Como se pode ver, estou renovando um pesado exame de consciência; as consequências daquela decisão, tomada tantos anos atrás, devo enfrentá-las agora, sem alternativa.

O tempo passou, com uma lentidão exasperante ou com a rapidez de um relâmpago, dependendo de como eu o olhe.

Rodrigo agora não é mais o rapazinho desastrado, o moleque carinhoso; é um homem feito, um engenheiro, uma pessoa adulta, independente e capaz.

Eu e Amélia ficamos para trás, numa neblina estranha, feita de vagas lembranças.

A tarefa de nos reencontrarmos, de reatarmos pacientemente os laços desfeitos, será difícil e exigirá um esforço incomum.

Rodrigo vai questionar aquela minha decisão e custará a acreditar na minha sinceridade.

O abraço será uma braçada de perguntas. O beijo, um comentário nunca pronunciado, um nó nunca desfeito.

CAPÍTULO DOIS

O REENCONTRO

É Amélia quem primeiro o vê:

– *Ele está aí, ele está aí!*

Sorrisos abertos e carinhosos acendem-se nos rostos de todos nós; e tão logo Rodrigo supera a barreira final – uma pesada porta corrediça de vidro da Receita Federal – é atropelado pela veemência afobada minha e da Amélia: caímos no colo dele, ansiosas para dar e receber os primeiros carinhos.

Lágrimas quentes, com um gosto doce de sal, molham nossas faces. A emoção toma conta das almas e se torna dona daqueles minutos especiais.

Mas logo, atrás da figura ágil e robusta de Rodrigo, surge outra, delgada e suave: uma moça alta, risonha, embora ainda sem jeito, o rosto suave de uma dama antiga, o cabelo dourado, acariciado por um raio daquele sol, que acaba de surgir e vem cumprimentar-nos, atravessando as vidraças do terminal.

– *Maman!* – grita ela, numa espontânea manifestação de carinho, atirando-se na minha direção:

– *Bonjour, Maman! Ji suis enchantée de te connaître! Que tu es jolie!*

Rodrigo logo a apresenta, desculpando-se por sua falha:

– *Esta é Corinne, minha esposa!*

É uma surpresa: uma surpresa com “S” maiúsculo. Uma descoberta emocionante, de tirar o fôlego.

Todos seguram a respiração, os olhos passando de Rodrigo a Corinne, dela para mim e voltando ao rapaz; mas eu ajo com a maior naturalidade: enlaço Corinne no aperto mais carinho-

so que meus braços podem oferecer e depois, afastando-a um pouco, fico por longos segundos apreciando aquela presença inesperada.

É natural que meu garoto tenha uma natureza quente, ardente, tal como eu e meu marido – ainda tenho tantos pormenores gravados na minha mente – e que não esteja mais sozinho, aos 25 anos de idade.

Ainda mais, em Paris!

Ouvi muitas histórias sobre a atmosfera mágica da cidade.

Até Amélia ficou envolvida por aquela aura especial, uma noite de verão, quando um jovem pintor desconhecido a surpreendeu com um longo beijo – nada casto, por sinal – enquanto o bâteau-mouche se arrastava preguiçoso sob o Pont-Neuf, tendo por cúmplice a escuridão absoluta do local.

– *Aventura inconsequente de turista!* – apressou-se a dizer.

Amélia, arrependido-se de sua confissão – e agora jura que nunca soube o nome do garoto e nem se lembra do rosto dele. Mas o gosto, a lembrança, a emoção estranha e profunda – o “frisson” dizem por lá – ficaram impressas nas páginas mais secretas e verdejantes da sua memória.

Enquanto nos abraçávamos, maritacando sem parar, o eficiente Atílio saiu com o carrinho carregado de malas, rumo ao estacionamento.

Voltou em dez minutos e agora já estamos acomodados no carro: Amélia ao lado do Atílio, eu e Corinne atrás, uma de cada lado do recém-chegado, trocando perguntas e respostas, embolando notícias, tentando ouvir e falar, ao mesmo tempo, tudo o que conseguimos captar e transmitir.

Rodrigo mostra-se um homem moderno, de pés bem fincados no chão. Enquanto ele fala de sua vida na França, compreendo melhor o pior erro de minha vida: Rodrigo já não tinha um pai; e eu, voluntariamente, deixei-o sem mãe.

Nenhum amor justificaria essa ausência, essa omissão. O que pensava eu, naquela ocasião?

“Te amo, por isso te abandono”, fere-me hoje como uma heresia, uma blasfêmia. Que raciocínio torcido me levou a dar esse passo tão estranho?

Mandei para a França um brasileiro carente e recebo de volta um francês adulto, que custará a se adaptar ao ambiente daqui.

Foi puro egoísmo meu, embora camuflado de proteção contra a luta diária, que nos cabe enfrentar.

Ninguém deveria ter o direito de se apropriar assim da vida dos outros.

Estes são pensamentos meus, exclusivos.

Jurei que nunca daria a ninguém acesso aos meus remorsos. Morreriam comigo.

Mas Rodrigo me encara carinhosamente e desata:

– Seu olhar é triste, Mamãe! Ganhou de volta um filho, recebeu uma filha novinha em folha: o que de melhor você poderia esperar, para ser feliz?

A suave reprimenda do rapaz me surpreende; ele acaba de atravessar as defesas que deveriam me proteger e chegou ao âmago de minha alma, apenas fitando-me.

Sei que se inicia assim um diálogo feito de perguntas e silêncios, que vai custar semanas para se acalmar.

CAPÍTULO TRÊS

APÓS A LONGA VIAGEM, A FAZENDA

Depois da euforia inicial, cada um de nós volta a ser o que era, retomando suas preocupações, suas reflexões.

O tempo se encarregará de resolver tudo, como sempre acontece. Ele varre sob o tapete tudo aquilo de que não damos conta; e às vezes, traz a cobrança amarga, anos depois.

O carro atravessa lentamente a cidade, parando o tempo todo em ritmo de gargarejo, nas intermináveis filas de paulistanos resignados; como Deus permite, chegamos ao início da Castelo Branco e podemos ganhar um pouco de velocidade.

Eu e Amélia conhecemos bem aquelas retas sem fim, que ficaram melhores, mais largas, mais seguras, ao longo dos anos.

Para Rodrigo e Corinne, entretanto, tudo é novidade, difícil de assimilar. Vão percorrer de um só fôlego, quase 650 km; é como atravessar a França de Paris a Marselha.

Mas os brasileiros estão acostumados com viagens longas e as suportam com bom humor e paciência.

O cansaço e a ressaca da emoção, em partes iguais, tomam conta de todos. A conversa vai rareando e aos poucos todos se acomodam. O mais urgente já foi dito e ouvido. O mais importante fica para depois; só se pode desatar um nó de cada vez; e para trocar ideias, temos tempo.

A Fazenda Alba já não é mais aquela que todos conheceram anos atrás. O tempo passou, inexorável como sempre, tragando pessoas e lembranças e transformando uma realidade em outra diferente, sem que nos déssemos conta de tantas coisas que estavam acontecendo.

Para Rodrigo tudo é novo e estranho; surpreendo-me pensando que vai demorar um bom tempo até que volte aos hábitos familiares, ou melhor, que assimile aqueles costumes, de que se esqueceu ao longo dos anos, ou que nunca teve a chance de adquirir.

A chegada à propriedade é festiva e muitas pessoas aparecem, querendo comemorar a volta do “patrãozinho francês”.

É engraçado o momento em que ele conhece as outras duas “tias” as francesinhas, já incorporadas à Fazenda há longos anos; Louise e Anne-Claire tentando desencavar velhos cumprimentos elegantes e maneirosos, relegados na memória, enquanto ele recorre a um português enferrujado e primitivo, quase infantil, para se apresentar de maneira modesta — e absolutamente deliciosa.

No fim, rimos todos do desajeitado esforço que os fazia parecer uns pobres esnobes e voltamos à linguagem usual, que todos, de algum modo, compreendem.

Rodrigo encara agora sem receios a noção de que, sendo o único herdeiro da família, lhe cabe assumir uma grande responsabilidade, muitas obrigações, diversas dores de cabeça e uns poucos direitos; e de minha parte, percebo que lhe devo transmitir informações sobre o pai e o avô, personalidades diferentes, mas profundamente presentes na sua natureza. Não vai ser fácil, a minha convivência com o garoto. Ele tem caráter e opiniões firmes.

Corinne está encabulada por sua posição peculiar: sente-se um peixe fora d’água e vai demorar um pouco para se adaptar.

Amélia a socorre o tempo todo; logo percebeu que a moça gosta profundamente do Rodrigo e que está disposta a segui-lo para qualquer canto da terra.

É uma constatação alvissareira.

Seus receios iniciais, ao ver aquela figura esguia e sem jeito, desvaneceram-se logo; e já se vê tia-avó, tomando conta de algum pirralho, tentando correr atrás dele pelos amplos espaços que foram dela, tanto tempo atrás.

Professora de língua e literatura francesa, Corinne lecionou durante uns poucos anos nos arredores de Paris, para moças de famílias abastadas, em um colégio caro e tradicional.

– *Mas eu nunca cheguei a gostar daquele ambiente esnobe* – comenta, sentindo-se aliviada de um fardo – *as famílias ricas dos alunos financiam o colégio; mandam em tudo, de maneira enérgica ou sutil; modificam o currículo, influenciam as notas, inibem punições; lembram-nos que somos meros servidores, contratados para seguir uma pauta rígida, na qual não podemos interferir. O professor é um desencantado, que se fecha em si mesmo. Cortaram as asas dos seus conhecimentos e de seus sonhos e se arrasta, já incapaz de voar; como o trágico albatroz de Baudelaire.*

Logo enrubesce e pede desculpas por seus comentários eruditos, reconhecendo que exagerou e prometendo que em pouco tempo se tornará igual a todos nós, a nova família dela.

– *Bem* – comenta Amélia – *se você queria liberdade, aqui está ela! E mostra orgulhosa as salinhas modestas, mas asseadas, da Escolinha do Encantado.*

A curiosidade dos alunos empata com a de Corinne, e ficam a se examinar, a se estudar, procurando pontos de contato. O tempo vai se encarregar de aparar as arestas, de nivelar diferenças.

Pode parecer prematuro, mas a sensação geral é a de que Corinne foi uma boa aquisição; mas o que estou dizendo? Ela não é um boi, ou um trator, que podem ser avaliados como boas ou más aquisições. Corinne é uma nova estrela na constelação das que regem os destinos da Fazenda Alba; é minha nora, esposa do meu filho, herdeira por direito de cada um dos torrões que compõem a nossa riqueza, a nossa esperança.